

Educação e agir comunicativo em Habermas

Gelson João Tesser¹⁰

Resumo: A filosofia de Habermas, desenvolvida a partir da teoria do agir comunicativo, proporciona-nos uma base teórica de reflexão, de uma educação racional e crítica tendo como princípio o discurso como o elemento caracterizador do processo de busca da verdade e da construção do saber filosófico e pedagógico como conhecimentos partilhados. A educação é um processo de socialização comunicativa e de auto-organização dos sujeitos. O agir comunicativo é uma atitude reflexiva e é também concebido como abertura de oportunidades para o entendimento abrangente, não restritivo da ação com referência ao mundo objetivo, social, subjetivo e postula a emancipação, verdade, correção, autenticidade.

Palavras-chave: agir comunicativo; educação; ética.

Education and communicative action in Habermas

Abstract: The philosophy of Habermas, developed from the theory of acting communicative, gives us a theoretical basis for reflection of a rational and critical education based on the principle of the discourse as element to characterize the truth-seeking process and the construction of pedagogical and philosophical learning as shared knowledge. Education is a process of communicative socialization and organization of self. The communicative action is a reflective attitude and is also conceived as opened opportunity for the extensive understanding, not restrictive in actions referring to the objective, social and subjective world and postulates the emancipation, truth, rightness and authenticity.

Key words: communicative action, education, ethics.

Tradução: Flavia Michelle C. FONSECA.

Submetido em: março de 2013.

Aprovado em: abril de 2013.

Introdução

Embora não tenhamos explicitamente uma obra que fale sobre educação na perspectiva de Jürgen Habermas (1929...) abordada por ele mesmo, outro sim, seus artigos, ensaios, e muitas obras (livros) oportunizam refletir a dimensão pedagógica a partir da teoria crítica e do agir comunicativo onde a racionalização é um processo pelo qual acontece a

¹⁰Doutor em Educação (UNICAMP). Professor de Filosofia da Educação do Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação, do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. E-mail:gelson@ufpr.br.

ampliação do conhecimento, não só na esfera instrumental, mas também, na dimensão comunicacional intersubjetiva, como um suporte para dimensionar a educação como socialização. O processo de ensino só poderá ser considerado emancipatório se acontecer na instância do agir comunicativo. Mas, o que é o Agir Comunicativo?

A perspectiva filosófica habermasiana insere o saber na esfera do esclarecimento no contexto da razão comunicativa e da teoria social crítica, no âmbito da práxis. O interesse válido e verdadeiro do conhecimento educacional deverá ser o da emancipação, como constituição da natureza humana no processo de formação autoreflexiva e autolibertadora. Segundo Habermas. “A racionalização do mundo da vida pode ser interpretada como liberação sucessiva do potencial de racionalidade contido no agir comunicativo” (HABERMAS, 2012 (b), p. 280).

Podemos dizer que, embora, Jürgen Habermas até o momento não tenha fundado propriamente uma “escola”, ele mantém viva a perspectiva da Teoria Crítica. Ele é um dos filósofos (pensadores) mais proeminentes da contemporaneidade, e situa a filosofia num contexto Pós-Metafísico. Para Habermas “hoje, a filosofia já não pode mais remeter-se ao mundo, à natureza, à história ou à sociedade como um todo, no sentido de um saber totalizante” (HABERMAS, 2012 (a), p. 20).

O pensamento habermasiano se origina na reflexão sobre a razão encarnada na cognição, fala e ação e compreendido aqui como teoria crítica indispensável no atual contexto em que predomina a idéia central de uma racionalidade econômica e burocrática do sistema que penetra crescentemente nas esferas do mundo da vida, colonizando-as, acarretando, dessa maneira, perdas de liberdade e de sentido. Hoje vivemos em democracias de massa condicionadas pela propaganda política calculada ao invés de discursos racionais críticos e entre iguais. “A decadência se iniciou sob as condições da sujeição à lógica do poder econômico e da substituição política da publicidade por estratégias de propaganda sociopsicologicamente calculadas” (REESE-SCHÄFER, 2009, p. 32 e 33). Como racionalidade comunicativa a educação é necessária ao ser humano justamente para impedir a degradação e decadência ético-moral.

A pretensão deste escrito consiste em ressaltar que a leitura das obras de Habermas, possivelmente suscita possibilidades de reflexão crítica sobre o processo educacional, neste momento em que a pós-modernidade tende a transformar o conhecimento em mera “racionalidade instrumental”, baseada no uso de meios técnicos e estratégicos de dominação do mundo. O agir comunicativo Habermasiano, envolve os sujeitos nos processos de

interação capazes de linguagem e ação, que estabelecem relações intersubjetivas no contexto de aprendizagem comunicativa, para além da colonização do mundo da vida. Neste sentido, a educação tem a dimensão de emancipação racional e crítica na medida em que ela desenvolver uma ação comunicativa, participativa, libertadora, nos processos de descolonização do mundo da vida, pela argumentação discursiva, filosófica, ética, epistêmica, cognitiva, reflexiva, crítica, livre de distorções e constrangimentos. Nesse sentido, o interesse por emancipação e ação comunicativa fundamenta a prática pedagógica e didática, no intuito de instituir cidadania.

Educar para a reflexão, para o diálogo, ação comunicativa, vida democrática e o desenvolvimento ético-moral, parecem ser a atribuições das humanidades e da filosofia de modo peculiar. A vida acadêmica, universitária é de certa forma um envolvimento com a promoção da educação, do ensino, do desenvolvimento tecnológico e da cultura filosófica, científica, literária e artística, visando a solução de problemas da comunidade e a emancipação dos sujeitos participantes do processo.

O agir comunicativo e educação para Habermas

O conceito de agir comunicativo, leva em conta o entendimento lingüístico como mecanismo de coordenação da ação, faz com que as suposições contrafactualas dos atores que orientam seu agir por pretensões de validade adquiram relevância imediata para construção e a manutenção de ordens sociais: pois estas se mantêm no modo do reconhecimento de pretensões de validade normativas, que visam à socialização dos sujeitos. Segundo Habermas “com o conceito de agir comunicativo, passa a ter vez o pressuposto adicional de um *médium lingüístico*, em que o referencial de mundo do ator reflete-se como tal” (HABERMAS, 2012 a, p. 182). A linguagem é tida como meio da integração social. No uso da linguagem orientada pelo entendimento, os participantes unem-se em torno da pretensa validade criticável de suas ações de fala que apontam para o reconhecimento recíproco intersubjetivo. No agir comunicativo, os participantes da interação têm que atribuir-se reciprocamente a consciência de seus atos e orientá-los por pretensões de validade, eticamente discursivos. “O esboço do agir comunicativo é um desdobramento da intuição segundo a qual o *telos* do entendimento habita na linguagem” (HABERMAS, 1990, p. 77).

O agir comunicativo leva em consideração o mundo da vida (linguagem, cultura, trabalho, interação, educação) que nos envolve e é nele onde se forma o horizonte para situações de fala e constitui, ao mesmo tempo, a fonte das interpretações, reproduzindo-se

através de ações comunicativas. É no mundo vida que acontece o processo subjetivo de aprendizagem. A educação como processo de formação de ampliação da socialização e aprofundamento das relações sociais, bem como expansão da reflexão e criação de uma cultura potencialmente emancipatória libertadora está implícita na obra de Habermas. A liberdade de pensamento e razão comunicativa está referida, antes de qualquer institucionalização, e já está posta na filosofia. Segundo Habermas, “a filosofia empenha-se desde o começo por explicar o mundo como um todo, mediante princípios encontráveis na razão, bem como a unidade da diversidade dos fenômenos” (HABERMAS, 2012 (a), p. 19).

O processo de ensino no âmbito universitário do mundo inteiro caracteriza-se por funções nucleares da pesquisa e a promoção de jovens pesquisadores; a preparação acadêmica ligada às profissões; e a produção de um saber aplicável ao desenvolvimento; tarefas de formação geral; contribuições ao auto-entendimento cultural e ao esclarecimento intelectual. Habermas desenvolve o conceito de agir comunicativo como um processo de caráter lingüístico de validade universal. O sujeito nesta perspectiva toma consciência da sua dimensão de participante numa comunidade de falantes. A racionalidade se manifesta como um suporte acoplado à dimensão da comunicação. O homem é um ser racional, comunicativo, pensante, lingüístico.

A linguagem apresenta um caráter normativo universal e a razão então é o fundamento do processo discursivo. “O que torna a razão comunicativa possível é o médium lingüístico, através do qual as interações se interligam e as formas de vida se estruturam” (HABERMAS, 1997, p. 20). Todo aquele que age comunicativamente leva em consideração a inteligibilidade, verdade, correção (em referência a normas) e veracidade. A aprendizagem pode acontecer tanto na esfera ética e moral da vida como na esfera cognitiva fundamentados em procedimentos discursivos de argumentação.

A linguagem passa a ser considerada na ação comunicativa como um médium universal de incorporação da razão. O pensamento doravante está interligado com a linguagem. Pensar é fazer apreciações críticas. As idéias passam a ser concebidas como incorporadas na linguagem, de tal modo que as expressões lingüísticas que surgem no mundo ligam-se internamente com a idealidade da universalidade do significado e da validade em termos de verdade. “A linguagem desenvolve operações constitutivas não apenas no nível dos modelos de interpretação cultural, mas também no das práticas sociais” (HABERMAS, 2004, p. 73). O médium da linguagem se estende para além dos limites da racionalidade comunicativa.

E a rationalidade comunicativa exprime-se numa práxis de fala, que com seus papéis dialogais e pressupostos comunicativos, é talhada para uma meta de reconhecimento intersubjetivo com pretensões de validade. Em educação não é permitido blefar, mentir, iludir, enganar, ludibriar, distorcer, mascarar. É permitido sim falar, dizer a verdade, ou seja, ter sempre em mente as pretensões de veracidade.

O acompanhamento reflexivo da práxis da justificação no mundo vivido. Do qual nós mesmos como leigos, permite traduções reconstrutoras que incentivam uma compreensão crítica. O filósofo amplia a perspectiva de participação fixada para além do círculo dos participantes imediatos (HABERMAS, 2002, p. 14).

A teoria do agir comunicativo possibilita aos sujeitos o desencadeamento de entendimentos decorrentes do processo de diálogo. O agir pedagógico é um agir que visa uma ação de caráter instrumental, estratégico, técnico, empírico que não pode ser absolutizado neste paradigma, portanto a pedagogia intenciona teleologicamente alcançar fins de caráter comunicacional que estão para além do instrumental. O ato educativo constitui um agir normativo regido por valores que explicitam a necessidade de participação e envolvimento do sujeito no processo de constituição de si mesmo e do outro. No agir comunicativo o indivíduo vivencia experiências que oportunizam consensos e entendimentos no processo de busca da verdade. “A teoria da ação comunicativa estabelece uma relação interna entre práxis e rationalidade. Ela investiga a rationalidade implícita da práxis comunicativa e eleva o conteúdo normativo da ação orientada para o entendimento recíproco” (HABERMAS, 2002 (a) p. 110).

O agir comunicativo de Habermas apresenta um caráter reflexivo para a educação na medida em que sinaliza para a superação da ação instrumental coisificante do ser humano. O processo educacional consiste na renovação permanente do saber e das experiências no processo de formação da personalidade. Há um interesse explícito na filosofia de Habermas para a emancipação, socialização e intersubjetividade.

Meu interesse fundamental está voltado primordialmente para a reconstrução das condições realmente existentes, na verdade sob a premissa de que os indivíduos socializados, quando no seu dia-a-dia se comunicam entre si através da linguagem (HABERMAS, 1993, p. 98).

A educação poderá ser vista como um desenvolvimento (formação) da rationalidade epistêmica, teleológica, comunicativa. Pode-se dizer que para Habermas a educação é uma práxis reflexiva abarcada pelo agir comunicativo, em que a aprendizagem fundamental é corporificada no discurso e encarnada nas ações cotidianas na transformação de si e do mundo. Tal modo de entender a educação pressupõe uma ordem institucional e condições sociais que favoreçam o desenvolvimento da pessoa. A práxis discursiva é condição para

mediação da cultura e o desenvolvimento pessoal numa relação intersubjetiva e partilhada pedagogicamente e filosoficamente. “A práxis discursiva consiste, fundamentalmente, numa troca de asserções, perguntas e respostas que os parceiros atribuem uns aos outros e que avaliam em relação a razões possíveis” (HABERMAS, 2004, p. 141).

A aprendizagem deveria ser compreendida em um contexto abrangente, abrindo processos de formação humana ética, em todas as partes onde elas acontecem, implicitamente e explicitamente no mundo da vida. “O mundo da vida linguisticamente estruturado e que forma, por assim dizer pelas costas dos participantes, o contexto das conversações e a fonte dos conteúdos comunicativos” (HABERMAS, 2004, p. 93).

A teoria do agir comunicativo é construída a partir do horizonte da compreensão do mundo e da realidade por parte dos educandos. Na comunicação solidária e intersubjetiva o sujeito aparece em sua dignidade própria como alguém que não pode ser reduzido a sua dimensão instrumental. A relação professor aluno depende do reconhecimento recíproco entre sujeitos e se encaminha numa dimensão libertadora. No processo educativo o reconhecimento do outro, a não coação da comunicação e a disposição para a solução de problemas através do diálogo, discurso livre e igual é um fator preponderante que serve da base para a convivência humana. Segundo Habermas, “a linguagem abre para os participantes um horizonte de possíveis ações e experiências” (HABERMAS, 1990, p. 102).

A dimensão privilegiada da aprendizagem (cognição) é a sala de aula (escola, universidade) e o mundo da vida. No diálogo, a intersubjetividade de um mundo da vida partilhado reciprocamente referente e mediado pela linguagem, pelo agir comunicativo, a liberdade de pensamento está assegurada aos atores do processo educacional. Segundo Habermas “O emprego comunicativo da linguagem entrelaça-se com sua função cognitiva” (HABERMAS, 2004, p. 70). De modo muito peculiar no mundo dos debates (acadêmico-filosófico) a progressiva realização das condições de interação comunicacional pode ser mais perfeitamente praticada no agir comunicativo, como por exemplo: a publicidade da discussão.

As participações nos debates do maior número de interlocutores; a ilimitação do debate; a igualdade e a liberdade dos participantes, a não existência de relações de autoridade, de dominação ou de constrangimento; o princípio da argumentação assegura que todas as afirmações podem ser discutidas, prevalecendo os melhores argumentos, os mais racionais; o princípio do consenso, o entendimento, o acordo argumentado e justificado; o princípio da revisibilidade, segundo o qual todo o acordo de poder ser questionado se surgirem novos argumentos.

Implicitamente Habermas contribui para o ensino de filosofia e uma pedagogia comunicativa, livre de bloqueios, repressões e distorções ideológicas. A educação do sujeito acontece pela via da ação comunicativa na medida em que os sujeitos têm consciência e competência como falantes e participantes de uma comunidade de fala. No agir comunicativo os seres humanos ampliam a sua consciência crítica e suas competências racionais intersubjetivas como atores diretos da interação social.

A ação pedagógica no contexto comunicativo da intersubjetividade que engaja os aprendizes como participantes em potencial.

A criança que já consegue falar já aprendeu a endereçar um proferimento a um ouvinte numa intenção comunicativa e, inversamente, a se compreender como destinatário de semelhante proferimento. Ela passa a dominar uma relação eu-tu recíproca entre falantes e ouvintes logo que consegue distinguir entre dizer e fazer (HABERMAS, 1989(a), p. 178).

Nos processos de comunicação se constituem a identidade do indivíduo e das dimensões da sociabilidade dos sujeitos. Para Habermas: “O agir comunicativo permite o entrelaçamento de individuação e socialização” (HABERMAS, 2044, p.96). A educação é um processo comunicativo que consiste na libertação dos envolvidos no processo de fala. A liberdade comunicativa dos cidadãos pode assumir, na prática da autodeterminação organizada, uma forma mediada através de instituições e processos jurídicos. A situação ideal de fala exclui as distorções da comunicação.

A ciência e a técnica como racionalidade cognitivo-instrumentais invadiram e colonizam o mundo da vida, impondo e controlando, dominando a natureza e o homem. Através da racionalidade instrumental e estratégica disseminam a sua ideologia de que a máxima de vida é o poder e o dinheiro. Para Habermas. “A conduta do especialista é denominada por atitudes cognitivo-instrumentais em relação aí mesmo e aos outros” (HABERMAS, 2012 (b), p. 584).

A ciência e a técnica são elementos estruturantes da vida social, cultural e individual na sociedade econômica capitalista de lucro. Segundo Habermas:

La acción instrumental se orienta por reglas técnicas, que descansan en um saber empírico. De outro lado, por acción comunicativa entiendo uma interacción simbólicamente mediada (HABERMAS, 1989, p. 27).

Habermas propõe uma ética discursiva de caráter emancipatório. A ética refere-se ao bem do indivíduo ou da comunidade, ao passo que a moral tem a ver com a justiça. Segundo Habermas: “As argumentações morais são institucionalizadas através de meios jurídicos” (HAMERMAS, 1986, p. 15). Do ponto de vista da ética do discurso os sujeitos capazes de falar e agir julgam as ações e conflitos relevantes com relação ao um universo, a ser

realizado, de relações interpessoais bem ordenadas, o qual os atores do processo projetam para si. Para Habermas, os interesses devem voltar-se para a emancipação dos sujeitos.

As orientações de conduta, que transcendem a tacanhez dos interesses puramente privados; os interesses de cada um orientados para a auto-realização devem estar aqui em sintonia com os interesses de todos (HABERMAS, 1999, p. 42).

Na perspectiva de Habermas a filosofia é um elemento indispensável para o desenvolvimento de uma razão crítica emancipadora. Ela pode contribuir especificamente para a autocompreensão das sociedades modernas, calcada no diagnóstico da época. Ela pode também ser uma autocrítica da razão. Contribuir com a visão do todo. Segundo o texto de Walter Reese-Shäfer Para Compreender Habermas destaca um papel para a filosofia em que ela própria abriu para si uma nova dimensão.

De uma crítica material da ciência. É que ela se posicionaria contra a dupla irracionalidade de uma autocompreensão positivista limitada das ciências e contra uma administração tecnocrática deslocada da formação discursiva da vontade (REESE-SCHÄFER, 2009, p. 141).

De modo muito peculiar, ela pode criticar a colonização do mundo da vida pela ciência, técnica, mercado, capital, direito e burocracia. Ela pode sim pleitear uma vida normativa e ética.

O efeito público do pensamento filosófico necessita, numa medida especial, da proteção institucional da liberdade de pensamento e de comunicação, inversamente, um discurso democrático, sempre ameaçado, também depende da vigilância e da intervenção desse guardião público da racionalidade (HABERMAS, 2004, p. 324).

A filosofia não poderá desalojar ou substituir a religião, nem a ciência, nem a arte, mas sem ela não será possível desenvolver uma crítica e uma reflexão radical, rigorosa de conjunto dos saberes. “A tarefa filosófica propriamente dita consiste, então, em estabelecer uma conexão plausível entre aquilo que é funcional para o observador e aquilo que é considerado racional para os participantes” (HABERMAS, 2002, p. 29).

Nesse sentido, os seres humanos continuam tendo necessidade de fazer uso crítico-reflexivo da razão como síntese formadora do mundo integrada à linguagem e os contextos de ação, para possibilitar a educação como transformação de si e da realidade. Para que a educação tenha uma dimensão emancipatória, reflexiva e crítica necessita libertar-se das limitações fragmentárias, das crenças e dogmatismos.

Considerações finais

Na perspectiva de Habermas, pelo médium da linguagem, a subjetividade é ligada ao mundo da vida, como um horizonte aberto de possibilidades de experiências significativas e

relevantes para o desenvolvimento do sujeito. “A subjetividade como auto-relação do sujeito cognoscente e agente apresenta-se na relação binária da auto-reflexão” (HABERMAS, 2002 (a) p. 4209). O lócus privilegiado da aprendizagem é a sala de aula, que deve ser um lugar denso de motivações e interações, entre professor e alunos, espaço em que se explicitam as bases conceituais dos saberes, processo que permite fazer o duplo sentido de traduzir o plano da realidade vivida para o plano conceitual estabelecendo a relação teoria e prática. Porém a filosofia e a educação não se restringem somente à sala de aula, abarcam o mundo da vida, com toda a sua complexidade, para o desenvolvimento da ação comunicativa. Habermas utiliza:

A expressão saber num sentido amplo, capaz de abranger tudo o que pode ser adquirido mediante aprendizagem e a apropriação da tradição cultural – e esta última compreende não somente os componentes cognitivos, mas também os que concernem à integração social, ou seja, os componentes expressivos e os prático-morais (HABERMAS, 2012 (b), p. 327).

É no âmbito da própria comunicação discursiva que se cria a “esfera pública” para a ampliação gradual do diálogo e da educação que liberta e constitui a autonomia racional dos sujeitos, na medida em que o desenvolvimento da competência comunicativa, lingüística, cognitiva e interativa se interconecta com o mundo da vida. Entendemos que a educação filosófica é uma ação comunicativa que envolve os seres humanos nos processos de reflexão e crítica. Sobretudo, a uma crítica material da ciência científica, contra uma administração tecnocrática colonizadora do mundo da vida. Este papel é modesto, mas indispensável para uma consciência cidadã e para a autonomia do sujeito que se entende com o outro. Para Habermas “entendimento significa comunicação que almeja chegar a um comum acordo válido. Processo de convencimento recíproco, que coordena as ações de muitos participantes” (HABERMAS, 2012 (a), p. 675). Neste sentido a educação é um processo de entendimento entre sujeitos participantes da ação comunicativa.

Para Habermas o conhecimento, a educação e o ensino devem olhar para as interações e para as comunicações simbólicas como elementos centrais na possibilidade de emancipação humana, mais presentes nas ciências hermenêuticas e teoria crítica, do que na racionalização das forças produtivas e das relações econômicas e administrativas.

O Conhecimento resulta de três processos simultâneos, que se corrigem entre si: a atitude de resolver problemas diante dos riscos impostos por um ambiente complexo, a justificação das alegações de validade diante de argumentos opostos e um aprendizado cumulativo que depende do reexame dos próprios erros (HABERMAS, 2004 (a) p. 57).

O sujeito coletivo e histórico na perspectiva da Teoria Crítica (ciências sociais históricas-hermenêuticas) poderá valer-se de uma razão comunicativa de interesse, por emancipação, libertação e autonomia, mais do que a razão instrumental tecnocrática típica das

(ciências empírico-analíticas) cujo interesse ou finalidade é a predição segura, de controle, de domínio, de manipulação e dogmatismo de mercado. O papel da filosofia neste contexto é fundamental, para deflacionar o pensamento. A filosofia cabe:

A tarefa de cooperar com as ciências reconstrutivas, iluminando as situações nas quais nos encontramos; ela pode contribuir para que aprendamos a interpretar as ambivalências que nos atingem como sendo outros apelos a uma responsabilidade crescente em meio a espaços de ação em vias de se encolherem cada vez mais (HABERMAS, 1990, p. 182).

No processo de ensino-aprendizagem, portanto, trata-se de trabalhar para a emancipação humana em relação a tudo o que se opõe à autonomia pessoal. Quer esta oposição seja exterior: instituições sociopolíticas e jurídicas injustas, dominadoras, repressivas, ideológicas; ou interior: condicionamentos sufocantes derivados de uma educação imediatista de mercado que visa mais o interesse pelo lucro do que a formação ético-moral-axiológica do ser humano. “No aspecto cognitivamente relevante, a linguagem articula uma pré-compreensão do mundo como um todo, partilhada intersubjetivamente pela comunidade lingüística” (HABERMAS, 2004, p. 73).

Neste sentido, a Teoria da Ação Comunicativa de Habermas, poderá contribuir filosoficamente como reconstrução paradigmática do processo educacional, reflexivo e crítico.

A partir de agora, começa a adquirir contornos concretos uma história interna das ciências, da teoria da moral, da teoria do direito e da arte – certamente não se trata de desenvolvimento linear, mas de processos de aprendizagem (HABERMAS, 2012 (b), p. 589).

Portanto, a educação na ótica filosófica é um processo e ao mesmo tempo um modo de pensar, de compreender, de viver, de ser ativo na vida em sociedade. Na perspectiva de Habermas, educar consiste acima de tudo em instituir a cidadania através do conhecimento e interesse em emancipação, pelo agir comunicativo, pelo diálogo, reflexivo, crítico partilhado e intersubjetivo, sem constrangimentos entre os sujeitos participantes da comunidade educacional. “O tecido das ações comunicativas nutre-se dos recursos do mundo da vida e, ao mesmo tempo, constitui o médium pelo qual as formas concretas de vida se reproduzem” (HABERMAS, 2002 (a), p. 439).

A proposição de educação na perspectiva de habermasiana garante uma visão mais alargada do processo de ensino, de integração social, comunicação, socialização, para além da racionalidade instrumental, do saber profissionalizante, tecnicista, que reproduz as relações de dominação, ou seja, de colonização do mundo da vida. Segundo Habermas:

Hoje em dia, a educação formal atinge também a socialização do bebê. Como no caso dos sistemas de ação culturais e da formação política da vontade canalizada para formas discursivas, a formalização da educação não significa apenas uma

elaboração profissional, mas a ruptura reflexiva da reprodução simbólica do mundo da vida (HABERMAS, 2012 (b), p. 267).

REFERÊNCIAS

- HABERMAS, Jürgen. **Para reconstrução do materialismo histórico.** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- _____. **Comentários à ética do discurso.** Lisboa: Instituto Piaget, 1999.
- _____. **Consciência moral e agir comunicativo.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro 1989(a).
- _____. **Pensamento pós-Metafísico.** Estudos Filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1990.
- _____. **Passado como futuro.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- _____. **Direito e democracia: entre facticidade e validade.** Volume I e II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.
- _____. **Teoria de la acción comunicativa: complementos y estudios prévios.** Madrid: Cátedra, 1989.
- _____. **Teoria do agir comunicativo, 1:** Racionalização da ação e racionalização social. São Paulo: Martins Fontes, 2012 (a).
- _____. **Teoria do Agir Comunicativo, 2:** Sobre a crítica da razão funcionalista. São Paulo: Martins Fontes, 2012 (b).
- _____. **A inclusão do outro.** Estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. **Verdade e justificação.** Ensaios filosóficos. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. **Mudança estrutural da esfera pública.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- _____. **Direito e moral.** Lisboa: Instituto Piaget, 1986.
- _____. **Conhecimento e interesse.** Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- REESE-SCHÄFER, Walter. Compreender Habermas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- _____. **A ética da discussão e a questão da verdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2004 (a).
- _____. **O discurso filosófico da modernidade.** São Paulo: Martins Fontes, 2002. (a).